

## Touro Azul Storytailors

por Ana Leonor Freire Branco

Manhã de luz tépida, névoa trémula, céu arroxado-azul, vasta extensão de areia amarela baça. Olhava perdida pela janela. Lá estavam eles, pequenos seres azuis, esbatidos, de túnica azul, pernas cruzadas, imóveis, sentados sobre as ondas que avançavam e recuavam, cabelos brancos, lisos, os deles, não das ondas. E sempre aquela música, som melancólico. Pequenos seres, quase infantis, não fosse a falta de expressão. Sérios, impenetráveis, compenetrados na melodia proferida, com a maior concentração e o maior à vontade. Como se só essas notas altas sem letra existissem. Abstraídos das ondas, do mar, do resto, mas reparavam na sua presença, sentiam-na, sabia que sim. Júlia, ou o olhar, perdidos. E os seres azuis, depois da areia, serenos, cantantes. Várias manhãs, sem avisar, sem horário ou data, sem tempo.

Sempre medira o tempo pelo que fazia. Não questionava. Acordava cedo, quando começava a ouvir ladrar os cães, cá fora. Abria as portas verdes das janelas, descia as escadas e bom dia, pai! De manhã, deixava-o à mesa do pequeno almoço, só, um copo de leite com chocolate à frente e um beijo na cara. Até logo. De manhã não faziam perguntas. À noite, ao regressar, logo falariam. A noite trazia o diálogo, o dia passava-se dentro de cada um.

Ao nascer do sol, libertava o rebanho. Vive livre e liberta, pensava. Observava o caminhar pachorrento das ovelhas. Como era possível, que tendo passado a noite inteira fechadas, não galopassem, saltassem e se empurrassem, mal se abria a cancela, não entendia. Ovelhas... Poderiam ter uma noção de sociedade? Porque se escondiam no seu próprio meio natural? Poderiam ser naturalmente passivas? E com estes pensamentos, encaminhava-as para os montes, com o cuidado e a condescendência que estes animais lhe suscitavam. Sentava-se ora ao sol, ora à sombra, com os headphones nos ouvidos e o livro que trouxera de véspera da biblioteca. Nos dias de chuva, resguardava-se em cubículos que construía com guarda-chuvas e graças à lanterna, prosseguia uma leitura mais lenta, atrapalhada e interrompida por rajadas de vento. Ao final da tarde, sempre que ouvia o sino da escola vizinha bater as 17h, abandonava o rebanho por instantes para observar, de cima de um muro, a saída das aulas. Que diferença! Aquelas ovelhas corriam disparadas em todas as direcções, para casa, para os cafés, para as bicicletas, para os recantos mais escuros, ou mais visitados pelo sol, consoante os gostos apaixonados. Olhava-os com curiosidade, a mesma que teria de se ver do exterior. Constituíam a expressão da energia que nela se ia acumulando ao longo do dia e faziam com que pudesse ver materializada a sua euforia interior. Ao sair o primeiro senhor engravatado, voltava-se novamente para as ovelhas. O objectivo era agora reuni-las o mais rapidamente possível, para chegar à biblioteca antes das 18h. Raramente conseguia, o rebanho não tinha pressa. Às vezes encontrava já o portão fechado, tocava efusivamente à campainha, acreditava que a sorte não tem regras. Por vezes, Mas a menina não sabe que os horários são para cumprir? Ou Nunca lhe ensinaram boas maneiras? Ou, se fossemos abrir excepções para cada pessoa que chega atrasada... Ou simplesmente, não, agora já não pode ser, o meu horário de trabalho acabou, eu também quero ir para casa, estou cansada e tenho esse direito. Pois tinha, mas Júlia às vezes esquecia-se e depois tentar não custa. Nessas alturas relia o livro do dia anterior. Já lhe acontecera ler de seguida cinco vezes o mesmo! Por muito bom que fosse, confessava que à quinta vez, dormira mais do que lera. E voltava para casa, pensando que era possível que a visão literária que podia ter do seu dia não incluía pormenores práticos como o tempo quando custa a passar, o frio, o sono, o torcer um pé, o passar o dia inteiro sem falar, a falar sozinha, ou com ovelhas, o ficar rodeada de formigas por causa das migalhas do almoço, a repetição dos actos, a vontade de explodir, de voar, de fugir, de abandonar o rebanho, de não pensar em pragmatismos.

Era frequente encontrar o pai, cá fora, de mangas arregassadas a atear o carvão para preparar um churrasco nas noites de verão, ou na cozinha a assar castanhas no inverno.

Num desses entardeceres, porém, e já se esperava o porém porque acontecimentos são precedidos de porém, um dia, ou certa vez, embora na prática se limitem a surgir e surjam a todo o momento sem anúncios... Num desses entardeceres porém, nada mais esperado... a madrasta! Claro está. Foi ao entrar na sala que Júlia a avistou pela primeira vez. De cotovelo apoiado ao móvel espalhava o fumo da cigarilha pela casa, pelo que aparecia com contornos pouco delineados. Primeiro o fumo, depois a voz por trás do fumo. Eis o que Júlia reteve deste contacto. E mais não seria necessário para se sentir parte integrante de um qualquer momento literário. Uma vez mais se esquecia de questões de ordem prática. Quem era a mulher, em breve o descobriu, o que lá fazia, também, mas só alguns meses após o casamento do pai com Milenai, se apercebeu das consequências que aquela presença representava para si.

É que de personagem maléfica, a madrasta não tinha nada. Não era nem a bruxa gótica com poderes misteriosos, nem a feiticeira capaz de metamorfoses e de forças sobre-humanas, nem a personagem vinda do futuro, ou de outro planeta para deixar rastros de mal no mundo. Nem uma pequena parte do que pudesse ser atraente, grandioso até. Era bem real e, pior, era a prova de que o que o quotidiano tem de aterrorizante não tem um centésimo da beleza, da intensidade do entusiasmo do terror sentido na imaginação. Júlia guerreava todos os dias e não era para salvar o mundo, proteger a sociedade, ou por qualquer outro motivo nobre. Para ela, o sacrifício máximo consistia em terem-lhe sugado todos os seus afazeres habituais. Milenai não suportava ovelhas e muito menos que a sua enteada fosse pastora. Dera-lhe, para compensar, um animal raro que lhe haviam oferecido numa das suas viagens à Índia, um touro azul. Se queres pastar um animal, pelo menos que seja este.

Júlia não fazia questão nas ovelhas, mas perturbava-a ficar limitada a passear um único ser. Já não tinha que correr para reunir o rebanho, já não podia observar a sociedade de um mesmo mundo animal. Antes sentia-se só. Agora sentia-se mais só do que só?? Poderiam existir diferentes graus de solidão? Quando se está só, não se pode estar mais só do que só. Antes já era solidão. E arranjava assim com que se entreter horas a fio. Pensava

sempre nalguma coisa e o que mais prazer lhe dava era os momentos em que tinha consciência que pensava, que produzia alguma coisa, fosse o que fosse, tinha ideias, teorias e isso era criar algo que não existia. Ou que existisse, porque já o tivessem pensado, dito, ou escrito, que lhe importava?! Bastava-lhe a sensação de ter dentro de si matéria, muita, muita, de conseguir entregá-la, dá-la, extraviá-la para fora de si, e contaminar o mundo com algo seu. Encontrara uma forma de se sentir e de se fazer sentir. Punha-se então a falar com o touro. Quanto mais falava, mais tinha vontade de falar. Atribuía-lhe ideias, palavras, concedia-lhe réplicas enormes. Ela começava “Achas que...”, “Olha...”, “Estou a pensar numa coisa...”. Ele retorquia “mas...”, “não te parece antes que...”. Aos poucos foi deixando de introduzir. Iniciava imediatamente o diálogo. Até que um dia...

Até que um dia, uma tarde, nas horas de desassossego pós-descanso do almoço, olhou para o touro da forma ávida e descontrolada, que costumava preceder a cascata impulsiva de palavras e... em tom cúmplice e meigo o touro exclamou “diz lá”. Por momentos julgou-se louca. Por fim, chegou à conclusão de que devia estar realmente muito só e que era melhor pôr termo a este jogo de diálogos. Estava a tornar-se perigoso ao ponto de pensar ter ouvido o animal falar. Imaginar tem riscos. “O que foi ?” insistiu o touro.

-Tu falas ? perguntou sem evitar franzir o sobreolho.

-Parece que sim. Devias estar muito desacreditada se achavas que os touros não podiam falar.

-Tu falas.

-Sim e daqui por diante, não vais voltar a sentir-te sozinha. Vou estar contigo, vou falar muito contigo.

-Não faças promessas que não queiras cumprir, pensou Júlia. Mas a ânsia de acreditar no touro era tanta, que se precipitou para ele e o abraçou, como se fosse esta a única e derradeira criatura à face da terra. A única não seria, a última também não, mas falara-lhe dentro, ou fora de si, não sabia ao certo. Talvez das duas maneiras. Adivinhara o que ela queria, o que ela precisava ouvir. Mais do que isso, adivinhara-a. Há dias que Júlia se lhe desvendava abertamente, mas foi a partir desse momento que o sentiu em si, parte do que até agora havia sido apenas “eu”. Atirou-se para a mais rasgada, a mais intensa quebra de silêncio.

Pois quem não gostou das novidades foi Milenai! Toda a aldeia tomou conhecimento da “rapariga do touro falante”. As palavras trocadas entre a divindade azul e Júlia rapidamente foram arrastadas até aos ouvidos da madrastra. E, “sempre a história do quem conta um conto, acrescenta um ponto”. Os vizinhos que os viam conversar requeimavam os assuntos, acrescentavam temas, subtraíam simplicidade. A Milenai chegavam versões de que o touro era um príncipe disfarçado, de que prometera a Júlia báus imensos de jóias de valores incalculáveis, de que se preparava para lhe oferecer um astro com mais energia do que o sol. Chegaram-lhe a contar que o touro prometia à amiga o elixir da juventude, que a fazia levantar vôo em tapetes de pétalas de flores nunca antes vistas. Inicialmente, a madrastra não acreditava. Mas a diferença de Júlia foi-se tornando cada vez mais manifesta. A enteada andava sorridente, levantava-se cada vez mais cedo, chegava a casa cada vez mais tarde. Nunca mais perguntara pelo rebanho. Nunca mais a viram ler o mesmo livro, dificilmente, aliás a viam ler livro algum. Foi então que Milenai se começou a corroer. Talvez... talvez os aldeões não estivessem enganados. Não suportava a ideia de ter sido ela, tão despreocupadamente, a delegar o animal para os cuidados da enteada. O seu presente da Índia. Não esquecer que fora ela, EEEEELLAAA! que o dera à enteada. Aquele bichinho que considerava mal cheiroso, passara a seu lindo bichinho. Era urgente remediar a situação e obrigar o touro a falar com ela!

Passou então a levantar-se todos os dias ao ladrar dos cães, a cantarolar logo pela alvorada, a pôr o lenço na cabeça e o cajado na mão, esforçando-se por corresponder à imagem que tinha do que era ser pastora. Com tão conseguida interpretação, o touro teria que falar com ela! Depois de despachar Júlia novamente para as ovelhas, entrou no seu plano de ataque! Permaneceu dias e dias com o touro no pasto. Ora cantava, ora dançava, ora lhe dava com um pau. Ora o levava para a relva mais verde e succulenta, ora o fazia passar fome, tentando vencê-lo pela chantagem. Ora ria, querendo fazê-lo entrar na sua boa disposição, ora choramingava, procurando comovê-lo. Ora não se calava, para o contagiar com palavras, ora emudecia, para que ele tomasse a iniciativa. Nada. Nunca, nada. Do bicho, nem um som.

Júlia, por seu lado, não sabia o que fazer. Andava angustiada, ansiosa. Afinal sempre havia mais solidão do que a solidão, aquela de quem por instantes não esteve, ou não se julgou, só. Tinha ainda as ideias, a matéria, mas tudo morria irreversivelmente ao nascer. Como se estivesse em carne viva e uma multidão de milpatas irrequietos se passassem por cima dela. Doía. Queimava! Observava o rebanho, incapaz agora de o ver com a alegria anterior. Os pensamentos estavam secos, enrugados curvavam-se sobre si próprios, pendiam nos ramos até caírem, não se oferecendo, já não. Por vezes, tinha surtos de revolta. Estúpidas ovelhas que nada entendem do que estou a passar! Estúpido touro que mentiu! Estúpida Milenai! Vai ser madrastra para outro lado qualquer! Espero que fures os teus próprios tímpanos com tanto canto idiota! Odeio tudo e todos! Vou mastigar, comer e engolir todos os meus pensamentos! Tanto melhor! Ficam só para mim. Quero lá saber da solidão e de lamechices semelhantes! Enquanto tiver música, letras para ler e mãos para escrever, estou viva! Só para mim, os meus pensamentos... E quando estiver gorda, balofa, tão cheia dos meus pensamentos que já não os aguente mais, vomito-os! Vomito-os para cima de todos! Tomem! Vomito também as emoções! E espero que doa, que doa a quem levar com elas. Nessa altura, já não sou eu! E hei-de gritá-los!a todos! A tudo! Acabaram-se os sussurros!... E se ninguém ouvir, e se ninguém lhes tocar, melhor! E se ficar sozinha! E “se” e “se”! Os “se” que nada deixam de claro, que tudo impedem e evitam. Apodrece o terrível mundo dos “se”! Se sou só eu, não há “se”! Se sou só “eu,” não tenho medo! Só para mim, os meus pensamentos...!E depois, húmidos os olhos. Mordia o lábio...Lamechices, repetia. Espero que um dia destes o touro lhe grite aos ouvidos!...Que a deixe surda!...Quando ela menos esperar...

O que Júlia não sabia, era que as tentativas da madrastra eram vãs. O touro permanecia em silêncio. Desesperada, Milenai recorrera a todos os teatros: tentara mugir, seduzi-lo com manadas de vacas, até erva a pobre coitada acabara por provar. Claro que o que fazia correr pelos vizinhos em nada se parecia com os acontecimentos. Aos aldeões, dizia que o animal lhe revelava quotidianamente incríveis segredos. Possuía tesouros. Moedas de ouro. Galáxias inteiras. Torná-la-ia soberana, prometera-lho já. Era de facto um príncipe, espalhava

pelos ouvidos de todos. Um príncipe encantado e encantador! Ninguém fala como ele! Tem uma voz meiga, inebriante. Som melodioso, verdadeira poção de vida para os privilegiados com quem comunica. Verdadeiro príncipe! Que não restem dúvidas! Mais, príncipe que me serve com a devoção de um amante, que sendo mais do que eu se deita aos meus pés! Todos invejavam Milenai. Todos à excepção de Júlia. Quando a rapariga soube de tamanhos disparates sentiu-se aliviada. Verdadeiro príncipe, com certeza. Encantado e encantador, perfeitamente de acordo. Voz doce e melodiosa, fonte de vida, também. Sim, possuía tesouros, galáxias, mas tesouros e galáxias distintos dos que Milenai referia, tesouros e galáxias de que muito dificilmente a madrasta suspeitaria. O erro de Milenai fora atribuir-lhe castelos, terras definidas, falar em massagens de arroz cozido em vapores turcos, penteados obtidos graças a essências extraídas de favos de mel, e outros pormenores que levavam Júlia a gargalhadas interiores quando a via chegar coberta de nódoas negras, vestígios de terra e resídeos de clorofila. Pois o touro mantivera-se-lhe fiel! Assim que o descobriu, recriminou-se por ter pensado que ele podia preferir a companhia de Milenai à sua. Percebeu que o touro estava entregue aos cuidados da madrasta contra a sua vontade.

Longas se tornaram as noites a partir de então. Mal se apercebia que o pai e a madrasta dormiam, Júlia escapava-se para o estábulo, onde ficava até o sol nascer com o touro, o seu tourinho azul. Não tardou a que Milenai notasse algo de bizarro na enteada. Não só a rapariga tinha umas olheiras enormes, como voltara à distração descontraída dos primeiros tempos.

Obcecada pelo seu desejo quase mais competitivo do que real, uma noite Milenai seguiu a enteada até ao estábulo. E viu o que não queria, touro e rapariga, cúmplices nas palavras entre palhas. A madrasta uvia finalmente o som da voz do touro, mas não era a si que era destinada. Atónita, enraivecida. Júlia nada fizera para que o animal falasse. Bastara-lhe chegar para despontar as palavras mais meigas, pronunciadas no timbre celestial. Milenai nunca tivera esse efeito, apesar de todas as suas tentativas. Maldito bicho!! Maldito! Se não é comigo que fala, não há de voltar a falar com ninguém!... Cortar-lhe-ei a língua! Decisão tomada logo para o dia seguinte, pois que as coisas da raiva, como as da paixão, muito devem à impaciência e ao descanso da razão.

O dia espreguiçava-se ainda quando Júlia reparou que a madrasta se encontrava já na cozinha. Bom dia, minha querida! Acho que te tens esforçado muito com o rebanho. As ovelhas estão tão gordas que pensei que hoje podias não as levar para o pasto. Precisas de descansar. Para além disso, o touro anda tão caladinho ultimamente que não se deve importar que eu me ausente por umas horas e o teu pai só volta depois de jantar. Vamos antes ao cinema. Olha, ouvi dizer que anda por aí um filme sobre um livro que andaste a ler... Como é que se chamava?... Ah, pois, olha é capaz de ser isso. E depois, vamos passear. Não temos falado muito. Apanhamos o comboio das 6h30 e regressamos no das 23h30. O que é que achas? Mas senta-te aqui. Toma, vês? Até fiz umas torradinhas!

A situação era no mínimo inédita. Milenai e cinema? Conversa? Torradas? A madrasta depressa reparou no erro crasso que cometera. Fora estúpida ao ponto de adoptar para si os comportamentos que vêm nos livros. Júlia olhava incrédula para ela. Exagerara. Sem dúvida exagerara muito. A enteada não tardaria a desconfiar de um qualquer estratagema. Resolveu portanto alterar a estratégia e optar por uma tática mais verosímil, mais irresistível, mais realisticamente aborrecida e convincente. Júlia, desculpa, tens razão em desconfiar. É que não estou bem, sabes. Tenho tido uns problemas e preciso de conversar. Achei que se calhar não te importavas de me ouvir. Sinto-me só. Desta vez, Júlia não lhe pareceu surpreendida. Por algum motivo, parece sempre mais credível a tristeza dos outros ou a nossa do que a felicidade. A queda ampara-se, levanta-se, lamenta-se, acolhe-se, conforta-se. A ascensão não conhece limites, faz-se sozinha e cada vez mais alto. Não se ajuda a voar, voa-se. Quando se está desmoralizado é portanto mais provável obter a companhia e o apoio, que nem sempre se consegue quando se está alegre e saltitante. Temos o cérebro lavado com "ajuda quando precisam de ti", e "estou feliz por ti", mas não há água para "quero estar feliz contigo".

-Estou tão feliz, vem ter comigo!!!!!!  
-Não, desculpa hoje não me dá muito jeito. Tenho aqui umas coisas para fazer.  
E não se pensa mais na resposta, porque a pessoa está feliz, "está bem".  
-Sinto-me completamente deprimida, preciso de ajuda!  
-Vou já para aí! Precisa de mim, vou já!  
Há algo de heróico em ir. Vou salvar.

E Júlia foi. Não lhe pareceu suspeito que a madrasta estivesse infeliz e Milenai foi inteligente o suficiente para se aperceber disso a tempo. Ou talvez não tão inteligente assim... Porque até o ser-se maquiavélico, ou sobretudo o ser-se maquiavélico, exige uma certa preparação, um espírito meticoloso e alguma dedicação prévia. Ora, Milenai agira por impulso e, dissemo-lo já, não era aquela bruxa má dos contos que consegue o que quer através da magia. Parece claro que a criatura que se punha a mujir para atrair a voz do touro também não era propriamente uma Madame de Merteuil, nem na subtilidade, nem nas paixões, ou na falta delas, e até essa acabou por escorregar! A madrasta esqueceu-se portanto de alguns pormenores...

A destreza que não tinha na prática, era compensada por ideias megalómanas e romanescas. O plano consistia em passar o dia com Júlia para que à noite esta estivesse tão cansada que não fosse para ao pé do touro. Quando a enteada estivesse a dormir, escapar-se-ia para o estábulo e cortaria a língua ao touro. Nada mais simples. Preparara na véspera um enorme alguidar, uma faca afiada e um lençol branco que enfiaria na goela do bicho, não fosse este de repente começar a guinchar... O que para dizer a verdade, até lhe daria um certo prazer... Ah! Vê lá se agora não falas, animal nojento?! Pedida emprestada aos gregos, a ementa do jantar do dia seguinte seria língua estufada e Júlia comê-la-ia à pressa, pensando poder falar com o touro a seguir à refeição. A vingança seria proporcional aos esforços de Milenai para comunicar com o animal. Enquanto Júlia se arranjava para sair com a madrasta, esta ia já seleccionando a melhor receita de língua do seu livro de culinária e fazendo algumas anotações na margem. Queria que à confecção não faltassem os condimentos mais suculentos.



Ao cair da noite, Júlia estava de facto cansada. Milenai fizera questão de não se calar o dia inteiro. Contara à enteada uma sua infância imaginada, relatara-lhe episódios de amigas, e fizera um apanhado de todos os assuntos comoventes que algum dia lhe poderiam ter passado pelos ouvidos, acabando por formar um discurso ininterrupto, uma amálgama de sons e de temas que nada tinham a ver uns com os outros e que Júlia não conseguia distinguir no final do dia, desejando apenas e por favor que a madrasta se calasse.

Ao chegar a casa, exausta, a rapariga foi directa para o quarto. Meia adormecida, viu aparecer nos olhos fechados, o canto da cozinha que avistara de manhã. Por baixo da chaminé, encostado ao fogão, aquele alguidar ficara-lhe preso na memória. Não se lembrara mais dele durante o resto do dia e de manhã esquecera-se de perguntar o que fazia ali. A pouco e pouco, a imagem ia-se tornando mais concreta, mais definida. Via agora a ponta aguçada da faca por baixo do lençol que o cobria. Tentava vencer o sono, para averiguar no pensamento o que faria ali aquele objecto, quando subitamente lhe ocorreram fragmentos do discurso pronunciado por Milenai durante o longo dia. Por entre frases mais ou menos melancólicas e descrições de momentos aterradores aos quais a madrasta procurava dar uma tonalidade particularmente dramática, insurgiam-se excertos revolucionários e espontâneos, reveladores do que de facto a misteriosa mulher pensava. “A única forma de nos livrarmos do que nos está a obcecar é eliminá-lo pela raiz”, e depois entusiasmada, “Arrancá-lo de nós, cortá-lo, assassiná-lo”. A seguir acalmava-se e regressava aos murmúrios. Júlia oscilava entre a estranheza, a pena e a concordância. Noutro momento, a madrasta exclamara repentinamente “Não achas? Não achas? Não achas que a vingança é tanto mais bela, justa e elogiadora do vingador, quando é astuciosa, inesperada e brutal. Se deve ser, tanto faz que seja cruel, ou mansa, não deixa de ser vingança”. Para não se sentir de todo insensível relativamente ao que preparava para o final do dia, ou para acariciar a sua genialidade, recorria a certas considerações que não conseguia deixar de exprimir. Matutando nestas palavras, e tendo presente a imagem da faca, Júlia empurrou o sono e desceu a escadaria de madeira. Toda aquela tarde lhe soava a irreal. Ouvira Milenai, estranhara-a, preocupara-se, mas não fora capaz de lhe dizer o que pensava. Ouvira, não gostara. Respondera interromptivamente, como se cada palavra fosse sobrevoada por outra. Queria esclarecer o que se passara. Como não encontrava a madrasta, dirigira-se à cozinha. Queria verificar a imagem do alguidar. Não se encontrava no canto. Tal como também a faca não lá estava. Em contrapartida, avistou a madrasta sentada na poltrona de cigarrilha em punho, serena, como não conseguira estar durante a tarde, ao fundo da sala, o avental coberto de sangue, um sorriso insinuante ao canto dos lábios. Não!! Não era possível. Agora tudo se tornava claro. Milenai matara o touro azul!! Júlia atirou-se à madrasta. Vou-te estrangular, mulher abjecta!! Como foste capaz??!! Eu devia ter percebido antes! Vou-te matar! Milenai tentou retorquir, mas de nada lhe valeu a argumentação. A rapariga estava possessa. Não ouvia nada. Cravava-lhe as unhas na cova do pescoço. Os gritos e o alvoroço de Milenai acordaram toda a casa. Na verdade, Milenai ainda nada realizara do seu plano subreptício. Limitara-se a preparar uma mistela de sangue de vaca para conservar a língua, mal a tivesse, e apurar o seu futuro cozinhado. Rapidamente, o pai veio socorrer a mulher, obrigando a filha a tomar um calmante e fazendo-a cair no sono mais profundo, não lhe dando assim hipótese de se inteirar da situação. Ao marido, Milenai limitou-se a dizer que como não tinha sono, decidira preparar uma receita nova com que tencionava presenteá-lo no dia seguinte.

Na cama, de olhos fechados, Júlia não sabia se dormia. Se fosse sonho, era pesadelo. Via o sorriso da madrasta, o touro, que julgava morto. Triste, muito triste. Perdera qualquer motivo, tinha os olhos cegos, o corpo vazio, os pensamentos inexistentes. Apatia, alternada com mágoa. Melancolia, nostalgia, perda. Saudade do que fora antes e durante, revolta contra o que era. Todas as águas se misturavam para desaguar num único percipício: a fuga. Mas até mesmo esta não era saída fácil. Implicava um “para onde” que Júlia não conseguia definir. Fuga só faria sentido se realmente se fugisse de alguma coisa e para longe dessa coisa. Uma vez que madrastas há muitas por aí, que fugir desta nada alteraria portanto e que a morte do seu amigo lhe parecia indelével, toda e qualquer fuga não era senão a bem dizer uma porta de entrada para a mesma situação.

Encontrava-se raiada por pensamentos afins, quando ouviu cantar. Depressa se lembrou dos seres azuis que havia já bastante tempo (pelo menos desde que começara a existir dentro da sua história) não via. Assomou à janela, para os ver baloiçar no mar. Gestos repetidos, ritmados, como que para a fazer esquecer. Sim, apagar tudo o que tinha na cabeça. Agora, não mais tarde. Abandonar de uma vez por todas tudo o que a prendia ao mundo podre que a rodiava. Deixar para trás gentes de comportamentos irritantes, situações de supostos, pessoal da defesa máxima da auto-estima que contribuem para um estado de pseudo-equilíbrio social. Gentes convencidas que se achavam melhores e de mais direitos, sem olharem para si. Gentes do umbigo, portanto. Que bom para eles, se assim o pensavam. Vivam felizes no vosso universo de sorrisos adultos e de comportamentos constituídos de “sou frágil, mas não fica bem demonstrá-lo e portanto adopto o comportamento forte, deixando pseudo-sorratamente transparecer o quão sensível sou”. Permito-me sacanear quem me apetece, porque no fundo, lá bem e muito no fundo sei que sou extraordinariamente sensível. E outros elementos da mesma gente pensavam: Ah! Sem dúvida um exemplo: apesar de ser sensível (como todos, aliás), consegue manter a dignidade e a força. Admirável, sim senhor! Quem tiver paciência que se fique por aqui. A Júlia, encantavam-na mais comportamentos de seres azuis. E se pudesse, mudava-se para este outro universo. Sorte a sua, pois que nesse mesmo dia, se destacara uma das restantes criaturas cantantes, subira pela areia amena, lentamente, chegara até à porta. Júlia sentira descer as lágrimas, medo, comoção estética, ou tristeza por ver confundidos o tacto, domínio real, e o intocável, o que até agora havia sido apenas objecto de contemplação, visual, auditiva, imaginativa. O ser nada dissera. Limitara-se a observá-la em silêncio por segundos, não poderia dizer quantos... Nos olhos, vida, algo que lhe estava indiscutivelmente a ser dado. Ao longe, a canção... Em casa, todos dormiam ainda. Vieste-me buscar? Não obteve resposta. Deixou-se levar pelo que de atraente tinha o desconhecido. Seguiu a criatura pela areia, até ao touro de pele azul. Estava vivo ainda! A rapariga limitou-se a agarrar-lhe a nuca com toda a força. Não acreditava que estivesse realmente ao seu alcance. Montou-o e sem esperar concordância. Vamos!...

Dias e dias se passaram. Touro e rapariga, por aí fora. Montes, estradas. Noite, manhã. Palavras. Afagos. Toda uma outra perspectiva. Longe da madrasta, longe de tudo. Finalmente. Mas tinham de parar. Para descansar,

porque sonhos acabam depressa quando se está cansado e se tem fome.

Começaram então as discussões. Onde ficar? Não seria difícil encontrar quarto para Júlia, mas o mesmo se não podia dizer do touro. Em casa nenhuma aceitavam ter um animal daquelas proporções, peludo, azul e baboso. Dormiremos então na rua! Declarara corajosamente a rapariga. Ficarei junto do teu pêlo. Não terei medo, nem frio. Será que esta rapariga não se cansa de ser ingénua?!, pensara o animal num misto de impaciência e de ternura silenciosa. Não a deixaria obviamente ao relento. Depois de muitas vãs tentativas argumentativas, a rapariga começou a desesperar. Ficara tão mal humorada, que o touro começava a lamentar tê-la contrariado. Eis se não quando, avistaram uma pequena estalagem, perto da estrada. Uma última oportunidade. Sem forças para mais palavras ou atitudes, Júlia exclamou: Estou farta! Vais passar a noite sozinho e eu vou ter lençóis brancos e compota ao pequeno almoço. Abandonou o touro à porta e entrou na cama que lhe destinaram, como quem entra em casa após viagem de muitos anos.

Na manhã seguinte, fresca da noite de sono, veio encontrar o animal dobrado sobre as patas dianteiras, encolhido, a tiritar de frio. Ah! Ah! Vês?! Bem feito! Se eu aí tivesse ficado ao pé de ti, tinhas menos frio! Vá! Levantate! E entretia-se a fazer-lhe cócegas. O touro abriu um olho ensonado. Passara uma noite terrível na calçada de pedra pincelada pela chuva, doía-lhe o dorso e o azul parecia desbotado pela lama, mas a boa disposição da rapariga dava-lhe alento para se levantar. Nada lhe disse acerca dos dissabores daquela noite e Júlia, apesar de o ver naquele estado nada lhe perguntou. Prosseguiram assim a caminhada dias e dias a fio. Tornou-se pouco a pouco hábito pararem à noite em pousadas e estalagens onde a rapariga pernoitava, ficando o animal sempre lá fora. A rapariga acomodara-se ao seu bem estar e ao definhar progressivo do animal. O touro, cada vez mais abatido, por orgulho, ou por cuidados para com ela nada proferia. Achava recíproco o afecto que nutria por Júlia. Se a ela não a preocupava o estado do touro, era porque de certo ele estava a exagerar. Se fosse ao contrário e fosse Júlia quem dormisse na rua, ele não sustentaria uma situação em que ela adoecesse. Estava portanto confiante de que ela se oporia a deixá-lo na rua, caso ele estivesse realmente em tão mau estado quanto pensava. Foram andando os dias pelo Inverno dentro.

Bom dia tourinho! Exclamou a rapariga, numa manhã preguiçosa de Dezembro. Sem resposta. Touro?! Veio encontrar o animal abatido, de olhos apagados. Nessa manhã o animal estava quase morto de frio. O suor cristalizara-se em geada. As pálpebras estavam sem força para se abrir. Júlia compreendeu então o quão egoísta fora. Touro! Touro! Desculpa! E pela primeira vez desde há muito, muito tempo chorou. Desculpa! Mas sabia que todas as palavras, quaisquer palavras eram vãs numa situação que já de si se encontra estragada. Desculpa. Desculpar o quê, como? Por muito que se desculpe não há nada que se culpe mais do que a falta da nossa própria capacidade de lidar com as circunstâncias e de torná-las menos penosas, menos graves. Ao passar-se por momentos de duro impacto, nada consola como se estes nunca tivessem acontecido. Correu para a estalagem e sem que dessem por ela roubou os dois cobertores que a aconchegaram na noite anterior. Ao passar pela sala, pegou no jarro de bronze que continha o leite e numa maçã que meteu na algibeira. Na rua, envolveu o animal com as mantas e enfiou-lhe na boca a maçã que despedaçou em bocados suficientemente pequenos para serem engolidos inteiros. Depois, deitou-se ao lado do animal, cobrindo-o de beijos e de abraços. Pelo final da tarde, antes do pôr do sol, já o touro conseguia abrir os olhos e falar. Desculpa, tourinho! Touro! Desculpa! Prometo não te voltar a trocar por conforto. Não vou voltar a abandonar-te, prometo! O bicho de pele azulada não lhe atribuía culpas. Fora apenas falta de planeamento. Para a próxima preparariam melhor a viagem. Só isso. E desde já se encontravam mais bem equipados. Tinham cobertores para noites igualmente hostis. Partiram então em busca de um local onde ambos pudessem ficar.

Por sorte, não tardou a encontrarem uma quinta onde procuravam uma rapariga para serviços domésticos. Ora, aqui está! Exclamou Júlia. Trabalharei nesta casa em troca de comida e abrigo e tu poderás descansar no estábulo, perto dos outros bovinos. Virei ter contigo todas as noites para conversarmos. O animal concordou.

Na "Quinta da Prata", pois que era assim que todas a designavam, a rapariga foi muito bem acolhida. Por dentro, a casa reflectia luz, devido à mobília prateada e ao revestimento de Janelas em todas as salas, oferecendo a mais bela visão que a rapariga jamais tivera. O Senhor Jerónimo, homem baixo e magro de muitas rugas, tinha duas filhas pouco mais velhas que Júlia, Laura e Bruna, com as quais a rapariga se dava muito bem. Durante a manhã, Júlia cumpria as suas tarefas: limpar as janelas. Eram tantas que começando às seis da manhã, só pela tarde acabava. Não desanimava contudo. Ficara de tal forma encantada com a beleza e a luminosidade da casa que por vezes mal distinguia se era lá fora, ou lá dentro que que descia a lua. A tarde era passada como dama de companhia perto de Laura e de Bruna que não se cansavam de lhe contar as aventuras das suas viagens por outros continentes. E à noite, invariavelmente, como prometido, vinha visitar o seu touro azul, cuja tez estava cada vez mais lustrosa, devido aos bons tratamentos. A existência tornava-se fácil, perto de pessoas tão dóceis.

Em poucos meses, Júlia sabia mais das suas duas novas amigas do que das pessoas com quem convivera sempre. Para além dos relatos que Bruna e Laura lhe faziam do seu passado, não havia jantar ou festa a que Bruna e Laura não levassem a acompanhante. Festas por vezes glamorosas que Júlia só se atrevera a vislumbrar em páginas de livros, ou na imaginação. Festas outras vezes descontraídas, churrascos e encontros de amigos onde parecia abundar a boa disposição geral. Copos, risos, palmadinhas nas costas, uma cumplicidade de que Júlia sempre sonhara fazer parte. Não precisava agora de se contentar com a visão das crianças a sair da escola. Tinha agora as crianças já crescidas à sua frente e estava no meio delas. Homens perfumados passeavam-se pelos jardins e pelas salas das casas limpas e arrumadas. Uns altivos, de ar pomposo e crítico; outros no canto do bar, observadores, de palavras mais contidas e menos sorrisos irónicos, talvez mais críticos ainda, se viesse a conhecê-los melhor; outros ainda de copo na mão e cantigas nos lábios. Visto de fora, tudo lhe parecia directamente extraído de um quadro realista, ou das letras de um desses autores contemporâneos que tanto se esfalfavam para retratar a sociedade actual. Tudo era novo e sedento de atenção: locais, decorações e sobretudo pessoas. Júlia atribuía-lhes de bom grado todos os holofotes que pareciam requerer com tanta insistência. Porém, o tempo foi passando e após várias saídas, a rapariga foi-se sentindo esgotada. Toda a energia que trazia consigo para cada uma das soirées, era imediatamente sugada por tudo e todos. Cenicamente, tudo, todos eram belos, tudo, todos exigiam a

máxima concentração, tudo, todos continham em si pormenores dignos de serem contemplados demoradamente. Quando chegava aos encontros, embora escassas palavras lhe fossem directamente dirigidas, não mais conseguia ouvir do que gritos vindos de todas as partes: Vê-nos, ouve-nos, dá-nos atenção. Todos, tudo lhe pareciam exigir mais e mais sentidos. Ficava atordoada com tanta gritaria. Dava olhos, ouvidos, engolia presenças, cores, vozes. Dava de si o mais que podia. Sentia ter de estar concentrada em todos ao mesmo tempo, não tanto já para que nada lhe escapasse, compreendia que tal não era possível que encontraria beleza ou enfeite em tudo aquilo em que resolvesse deter-se, mas porque não conseguia ser indiferente ao que lhe era tão explicitamente pedido a ela e a todos entre si: atenção, mais e mais. Enquanto lavava as janelas pensava por vezes nesse quadro visto do exterior. Uma reunião de pessoas em que todas parecem pedir só a presença dos outros, não tanto pelos outros em si, mas porque são outros providos de sentidos que os podem captar. Eram todos isso: sugadores de sentidos. E no centro de toda a confraternização acabava por ser despoletada uma espécie de combate: quem era mais visto, mais ouvido, mais sentido. Qual a presença mais forte ali no meio. Protagonismo. Todos mais não eram do que personagens em luta pelo papel central numa história por escrever que todos queriam forçar a ser escrita. Pior do que isso, Júlia dava-se agora conta que não chegava dar e ver. Ela própria pedia sentidos para si também. Também ela queria ser ouvida, vista, sentida. Queria exigir agora, mais do que dar. Invejava secretamente Laura e Bruna que aparentavam movimentar-se mais naturalmente nestas andanças do que ela. Decidiu então dedicar-se ao culto da aparência. Afinal, segundo ela, seria esta quem traria até si os sentidos dos outros. Observava os seus gestos e melhores sorrisos nos vidros de cada janela, treinava penteados novos antes de sair de casa, pedia saias e tops emprestados às novas amigas que se deleitavam com a transformação da amiga, desde que claro continuasse a parecer mais arruaceira do que elas e porque acreditavam superá-la em matéria de beleza por muito arrojada que Júlia estivesse. E, como não podia haver tempo para tudo, a rapariga foi roubando segundos, minutos, horas aos momentos que consagrara ao touro. As conversas que mantinha com o animal pareciam-lhe aliás cada vez mais enfadonhas. Falar de quê com um bicho azul?! Parecia-lhe que não havia mais por conhecer. Há alguns anos que estavam juntos e os assuntos filosóficos estavam esgotados, parecia-lhe; como se tudo estagnasse, como se não houvesse evolução num e noutra. Não sabia o que ficava. Amizade, sim. Mas a preguiça era grande e a amizade não requeria palavras, mantinha-se por si só e pelo passado comum, podia ser silenciosa, pensava. Assim, de pouco, passou para nenhum, nenhum tempo com o touro. Uma noite, após longa ausência, Júlia resolveu visitar o animal. mais por obrigação do que por vontade real de estar com ele. Há alguns dias que não conseguia sentir-se calma e satisfeita. Por um lado, quando partia para o prazer das lutas de presença das suas noitadas, ficava exausta, cansada de tanta competição e fome de ser visível. Para além do mais, pensava que era seu dever de amizade ir falar ao touro. Por outro lado, lembrava-se que das últimas vezes que estivera com o touro, não controlava a vontade de estar nas soirées. Não se sentia bem em parte nenhuma e talvez não fosse mal pensado partilhar este sentimento com o touro, ele que sempre a acalmara. Qual não foi o seu espanto, ao não encontrar por entre o gado do estábulo, o tufo azul escuro. Teria fugido? Sem lhe dizer nada?! Não sabia se estava mais enfurecida ou horrorizada de se ver privada do ser de que mais gostava, ainda que muito passivamente nos últimos tempos.

Angustuada, foi ter com o Sr. Jerónimo a quem perguntou pelo animal.

-Ah! Aquele bicho divinall! exclamou. Não! Pensou Júlia de olhos estarrecidos. Comeram-no?! perguntou.

-Estás a brincar, rapariga? Comê-lo? Aquilo era um touro mágico! Um touro falante... exclamou com um sorriso boçal e algo desdenhoso. Foi o Alberto que se apercebeu disso aqui há quinze dias! Sabes que ele é daltónico e confundiu-o com um dos outros bichos. Estava-se a preparar para o matar, mas quando ia deglutiná-lo, já depois do animal se ter debatido e ter sido enlaçado, o touro falou. Perguntou se o Alberto te conhecia e pediu que te transmitissem um recado, uma coisa assim meio estranha sobre uns seres azuis. Devia estar a delirar, coitado do animal. E voltou a soltar uma gargalhada.

-Então, mas o que é que lhe fizeram? Onde é que ele está?

-Olha, sabes que isso, as notícias correm rapidamente. Foi num instante como a notícia correu a aldeia toda. Nem sei como é que não deste por isso. Tens andado a dormir, rapariga! Enfim, acabámos por vendê-lo a uma tal D. Milenai que ofereceu uma fortuna por ele! Só cá entre nós, foi um negócio dos diabos. A minha opinião é que quem alucinou foi o Alberto e que o bicho não falava coisa nenhuma. Até porque o touro nunca mais voltou a falar. A única particularidade era ser um touro azul. Mas pelo preço que a mulher pagou nem que fosse um touro às cores eu recusava. De que me serve a cor do touro? Isso não rende nada. E depois, a mulher que o comprou acreditou piamente na mentira, e estava tão determinada a comprá-lo, que não pude não regatear. Estou-te a dizer que graças a este negócio nem eu, nem as minhas filhas, os meus netos ou bisnetos, nem mesmo tu, teremos com que nos preocupar no futuro. Que cara é essa? Acabei de te dizer que não terás com que te preocupar de hoje em diante, Júlia!

-Não!! Vou-me embora hoje mesmo! Tenho de ir ter com o touro! Tenho de encontrar o touro!

-Rapariga louca! Faz o que quiseres. Não sabia que tinhas tanto amor ao animal. Não o vias há tanto tempo!

Júlia saiu disparada de casa, sem se despedir ou levar o que quer que fosse consigo. Encontraria o touro custasse o que custasse. Tinha os sentimentos confusos. O que se passava? A culpa era sua! Culpa! Culpa! Não soubera gostar! Não soubera cumprir o prometido! Não fora capaz! Fora egoísta! Odiava-se! Odiava! Sempre tivera mais jeito para não gostar do que para gostar. Para a culpa e tudo o que há de tenebroso do que para atitudes nobres. Queria lá saber dos jantares e das noitadas! Queria lá saber da beleza das coisas. Viessem ramos partidos, paisagens negras, viagens por estradas desertas e escuras! Viessem as trevas! Perder-se-ia nelas, entraria nelas, no escuro, no sono, no buraco da solidão, viveria ermita, seria só, um ser só e despido, despenteado, gordo. E riria só. Com a lembrança do touro, dos seres azuis que haviam passado pela sua vida. Vozes, queria-as só estridentes. Dissessem o que quisessem, soar-lhe-ia a gemidos. Ódio! Odiava tudo! Fora ovelha por alguns dias, arrependia-se amargamente, arrepender-se-ia para o resto dos seus dias! Ódio! Escuro! Queria-o! Tanto! Touro! Onde estás? Mostraste-me o que de mais belo pode haver. Não soube ver. Não soube agir. Como nunca soube! Desculpa! Culpa! Socorro! Estava no inferno. O que é que eu fiz? Que raio de porcaria é que eu fui fazer?! Estava a enlouquecer.



Não se sabe ao certo quanto tempo Júlia deambulou por caminhos que desconhecia, nem como subsistiu. A própria rapariga não sabe. Sabe-se apenas que nenhum ser azul veio em seu socorro, que se passaram vários anos, que desejava desaparecer.

Até ao momento em que a voltámos a encontrar. Uma Júlia diferente. De ar sério, um pouco mais velha, uma mulher, roupas longas, gastas e esvoaçantes, em tons assumidos. Um semblante perdido de tristeza pensativa. Não tinha já o passo largo e veloz de outrora, mas um andar vagaroso, firme. Olhos pesados. Parecia já nada haver por conhecer. Dir-se-ia que se tratava de uma jovem mulher sábia desiludida com o saber. Certa tarde, veio encontrar numa feira de velharias, uma de entre as muitas que se acostumara a visitar, sempre com o intuito de descobrir o touro, uma tabuleta velha com as seguintes inscrições já meio apagadas: "touro mágico". De repente, sentiu passar pelos olhos um brilho que julgava já impossível voltar a sentir. Dirigiu-se imediatamente ao vendedor daquela banca.

-Boa tarde, posso ver o touro mágico? Por favor, deixe-me vê-lo!

-Oh! Desculpe, minha senhora! Não tenho touro mágico nenhum. Isso é só uma tabuleta. Como tem muitas cores e é muito festiva, achei que alguma criança podia achar-lhe piada e querer comprá-la.

-Mas sabe alguma coisa acerca desse "touro mágico".

-Para ser franco, não sei muito. Apenas que aqui há tempos, uma senhora apareceu aí com um touro que todos diziam que falava. A verdade é que sobre esse touro muito se falou, mas nunca ninguém o ouviu falar. A senhora montou aí um circo, uma coisa de outro mundo! Todos os dias, faziam o bicharoco subir para cima de um estrado de madeira e ela estava disposta a pagar muito dinheiro a quem o conseguisse fazer falar. Não calcula as invenções que por aí se fizeram. Espicçaram o animal, açoítaram-no, massacraram-no, ameaçaram-no, uma quantidade de maldades! Muito o torturaram. Tentaram inclusivamente roubá-lo umas quantas vezes para lhe venderem a pele, apesar de tudo rara. Enfim, quando já todos tinham perdido as esperanças e a senhora começava a ser vista como louca por acreditar que o touro falava, veio para aí um homem dos lados da "Mansão do Ouro" que o quis comprar não sei bem com que objectivo. Acho que ela lho vendeu, porque nunca mais se ouviu nada nem sobre a louca do touro mágico, nem sobre o bicho. A partir daqui não sei mais nada.

-"Mansão do Ouro"?

-Sim, é um palacete que fica na outra margem. O dono da casa nunca sai, mas tem muitas pessoas ao seu serviço. Se quiser, eu próprio a levo lá.

Sem esperar mais, Júlia aceitou a oferta e puseram-se a caminho.

Ao chegar à frente do palacete, Júlia não podia acreditar no que tinha à frente. Uma mansão dourada, com mais de três pisos, um jardim labiríntico, um lago, mais de dez janelas de sotãos diferentes. À medida que se aproximava da casa, escolhia as palavras que iria dirigir a quem quer que estivesse por de trás daquelas imensas paredes. Já muitas vezes havia contemplado mansões enormes. Sempre pensara o que lá se passaria dentro. Por vezes avistava um ou outro candeeiro, uma ou outra sombra. Às vezes, à noite, quando passeava perto de sítios como este, arriscava aproximar-se o suficiente para ouvir uma voz, ou um movimento mais arrastado de uma cadeira de jardim. Agora, ia entrar. Não foi preciso tocar à porta. Um homem preparava-se para entrar.

-Boa tarde! Exclamou, com ar despreocupado e interrogativo.

Ela nada retorquiu. Ele parou, como quem espera uma justificação.

-Boa tarde. Gostava de saber se por acaso não têm um touro, um animal com pêlo azul. Disse Júlia.

-Não deve estar à espera que lhe diga o que temos ou não temos cá em casa, sem primeiro saber quem é.

Era complicado explicar a história toda àquele homem, sobretudo não sabendo se de facto tinha ou não conhecimento dos dotes do touro. Resumiu a situação, acrescentando:

-Sabe, há algum tempo, roubaram-me um touro que me acompanhava para todo o lado. Era a única recordação que tinha da minha família. Era o meu único amigo. Tinha uma particularidade: pêlo azul. Disseram-me que talvez estivesse aqui.

-Se soubesses a quantidade de gente que já cá veio com histórias dessas! Achas que te vou deixar entrar só por isso?

-Muito bem, então vou-lhe dizer uma coisa que talvez ainda não tenha ouvido. Se não estiver cá esse touro, mato-me. Aqui. Já. Se calhar nunca viu um suicídio. Talvez lhe sirva para uma tese qualquer, parece-lhe bem? Há demasiado tempo que ando em busca deste animal. Estou exausta. Não aguento mais e se não o encontrar, também já não quero a porcaria de existência que tenho levado até aqui. Tenho demasiada energia acumulada e tenho andado a desperdiçá-la em buscas infrutíferas. Vou aproveitar o que ainda me resta para tomar uma decisão firme e irreversível como esta. Talvez seja a única coisa grandiosa e poderosa que alguma vez fiz. Parece-lhe chantagem emocional barata? Talvez... Sim, provavelmente. Mas seja! Estou farta de adiar acções por pensar como poderão vir a ser encaradas. Sabe o que é estar sentado a uma mesa cheia de pessoa e com imensa vontade de se levantar e fugir e não o fazer por saber que metade daquelas pessoas não lhe voltarão a falar, ou se o fizerem é para o criticarem? Chega disso. Desta vez faço mesmo o que quero. Esta é a minha última tentativa. Portanto, das duas uma: ou o touro está cá e me deixa vê-lo, ou me mato aqui e agora. Não tenho muito a perder.

O homem ficou estarecido. De facto ainda não ouvira um discurso como aquele. Claro que não pôde evitar pensar que aquilo era realmente chantagem emocional e que Júlia não tinha princípios, nem moral, que era uma louca qualquer e que tudo não passava de uma grande fantochada. Raparigas histéricas! Mas não deixou de achar uma certa graça a tanto melodrama. Acabou por responder em tom de galhofa:

-Então diz-me por favor como te chamas, vou ver se o touro está.

-Júlia. Diz-lhe que estou arrependida por tê-lo trocado pela minha vaidade.

-Está bem, não te preocupes, tenho a certeza que ele não deu por nada. Respondeu, sarcasticamente. Ao entrar em casa, Jorge esperou um pouco a trás da porta e depois voltou.

-O touro pede-me que te diga que está muito cansado para te ver, mas que estás desculpada.

-Não acredito! Deixa-me vê-lo por favor.

Eis se não quando apareceu um homem velho, bem mais velho.

-Jorge? Porque é que estás a demorar tanto? Com quem é que estás a falar?

-Ah! Pai! Desculpa. Esta é a Júlia. Pediu para ver o touro azul. Já lhe disse que o animal está muito cansado.

-E porque é que insistes em ver o touro, Júlia? Perguntou Carlos.

-Porque tenho de falar com ele. Tenho de lhe pedir desculpas. Quero voltar a estar com ele.

-Ameaçou o suicídio, caso isso não aconteça. Acrescentou Jorge.

-Oiçam vamos entrar. Já resolvemos o assunto. Aqui fora e de pé não me apetece ficar.

Por dentro a mansão era quase tão bela quanto assustadora. Espelhos por todo o lado, uma decoração barroca deixava pouco espaço para descansar a vista. Muita talha dourada, vitrais, muitos querubins, tapeçarias e depois, como que a destuar, máscaras africanas em cada canto. Uma particularidade: todos os anjos da casa apresentavam uma única cara, uma única expressão: a de uma bela rapariguinha de longos cabelos ruivos. Júlia estremeceu, mas nada perguntou. Foi conduzida até uma ampla sala, com uma varanda ao fundo escondida por duas cortinas esvoaçantes. Sentaram-se os três. Pai e filho, lado a lado. Júlia em frente. Após um momento de silêncio, respeito pelos visitantes que pasmavam sempre ao ver a mansão por dentro, Carlos declarou:

-Esta noite podes ficar aqui. Pareces inofensiva e tens um ar cansado. Depois de jantar, mostro-te o teu quarto. O touro, vê-lo-ás amanhã.

-Então sempre está cá!

-Sim, a menos que falemos de animais diferentes.

-Quero vê-lo agora! Já esperei muito tempo.

-És teimosa e impertinente. Acolho-te e não sabes ser bem educada. Jorge, se não te importas gostava de falar um pouco com a Júlia, a sós.

Jorge encolheu os ombros e saiu da sala.

-Conheço a tua história Júlia. Comprei o touro, porque me pareceu que estava à beira da morte. Quis proporcionar-lhe alguns bons momentos antes de se desvanecer por completo. Tive para com ele todos os cuidados durante uma semana. Bastou para que se recompusesse por completo. Parecia outro animal! Mas mantinha uma expressão triste, desolada. Também eu tenho uma profunda angústia. A minha filha mais nova morreu afogada no lago que viste no jardim há dois anos e não consigo passar um único dia sem pensar nela, o que diria, o que faria, o que dizia, o que fazia, como me fazia rir, como falava, como me dava uma enorme sensação de alívio e de protecção vê-la chegar a casa. Às vezes parece-me tudo mentira, sabes. Tenho sonhos em que anda por aí como se nada tivesse acontecido, outros em que estou com ela e sei a tragédia que vai acontecer, outros ainda em que já aconteceu, mas em que a vejo chegar a casa, de volta. De volta. De alguma forma, identifiquei-me com a tristeza do bicho. Comecei aos poucos a falar com ele. Sobre o que me ia passando pela cabeça. Comecei a partilhar com ele tudo o que já não podia partilhar com seres humanos, para os não preocupar comigo, ou para não lhes acender na memória aquilo que também a eles fez sofrer. Houve um dia em que o touro me respondeu. Pensei que estava louco. Tanto ouvira dizer que o touro falava, que julgava agora ouvi-lo falar. Mas não. No dia seguinte, ele falou novamente e no outro a seguir e no outro. Sempre era verdade que falava. Acabou por me contar a sua história e a tua. Sabia portanto o teu nome. Queria fazer-te esperar uma noite que fosse antes de veres o touro. Achei que era uma vingança merecida fazer-te sofrer mais um pouco, por tudo o que o fizeste passar, por todas as vezes que ele te ajudou, por todas as vezes que o renegaste. É aguda a tua ansiedade, vivos os teus remorsos. Mereces. Só te levarei até ele amanhã. Ainda que, tenho a certeza, também ele se soubesse que cá estavas, te desejaria ver imediatamente, nada lhe direi até amanhã.

Júlia segurou a cabeça com as mãos. Não conseguia responder. Estava confusa. Quem era este homem de sentenças?! Será que não se apercebia do seu desespero?! Sofrera, pois sim. Mas podia evitar que ela sofresse mais e não o fazia porque não queria. Dormir. A única alternativa era adormecer rapidamente, para poder acordar amanhã, rapidamente. A noite teria de passar o mais rapidamente possível. Carlos não se opôs a que a rapariga fosse logo para o quarto.

Na manhã seguinte, Jorge que nada sabia dos dotes oratórios do animal e que achava todo aquele fascínio pelo touro um verdadeiro disparate, encaminhou Júlia até ao touro.

-Pronto, está ali ao fundo, exclamou, depois de atravessarem alguns minutos de bosque. Se te apetecer estar antes com pessoas, vou ficar na sala a ler o jornal.

Júlia não ligou nenhuma às palavras de Jorge. Correu para o fundo do bosque, de onde eram já disparados alguns raios azuis. Chegada finalmente ao touro, apertou-o com toda a sua força, chorou, beijou-o, voltou a apertá-lo, continuou a chorar e apertou-o. Com toda a força. Tanta, tanta, que sentia em si estalarem-lhe os ossos. Queria que se desfizessem em pó de tanto o abraçar. Depois destes momentos de efusão, as palavras caíram-lhe em catadupa. Tudo ao mesmo tempo. Havia tanto por dizer. Não sabia por onde começar. Adoro-te era a primeira. Depois, desculpa e adoro-te e ria-se e chorava. E apertava-o contra si

Bom, momento do re-encontro passado, tiveram muitos dias para pôr a conversa em dia. Carlos alojou Júlia sem que ela tivesse de fazer nada por isso. Jorge divertia-se a vê-la correr para trás e para a frente, de casa para o bosque, do bosque para casa. Lembrava-se das primeiras palavras que tinham trocado, o que o fazia rir.

Uma vez, interceptou-a a meio caminho.

-Viva! Por aqui?

Acompanhou-a no percurso pelo bosque e depois convidou-a a sentar-se um pouco consigo no jardim, antes de ir ter com o touro. Júlia aceitou. Estava a gostar da conversa e ficou. Faria o touro esperar um pouco. Nada de preocupante. No dia seguinte:

-Júlia fazes-me companhia? Gostava de falar contigo.



-Sim.  
No outro:  
- Júlia?  
No outro:  
- Jorge vens?

E foi, Júlia com Jorge, Jorge com Júlia. Um com o outro mudaram-se para uma casa perto da praia, levando com eles o touro de pele azul. Mas o animal foi ficando esquecido. Esquecido. Era passado, memória, beleza e vivia, como eles, infinitamente dentro de Júlia, sem que esta precisasse de o ver, ou de lhe falar. Como tudo o que foi já eternizado e interiorizado pelo corpo, pela mente, pelos sentidos, tinha repercursões no carácter da rapariga, na forma como agia, como pensava, como amava. Júlia tinha-o em si. Não se dava já conta, mas nem precisava de o ver, de o ouvir, pois o falar dele confundia-se com o seu. Passaram-se anos assim. Uma noite, Júlia levantou-se de madrugada com saudades grandes. Queria vê-lo. Era a presença física do animal que lhe fazia falta. Precisava de recordar o tom da voz, a suavidade do pêlo, o azul dos olhos. Começou a procurá-lo pela casa inteira, divisória a divisória, como se efectivamente ele lá pudesse estar. Passava por todas as mobílias que ela própria escolhera, pelas flores que colhera na véspera, pelas cortinas translucidas que decidira pendurar nas janelas, por tudo o que construía a pouco e pouco. Tudo lhe parecia levemente desconhecido. Touro? Abriu a porta de casa e sentiu nos lábios o sal das ondas. A areia estava fria. O sol levantava-se apenas. Foi caminhando ao longo do mar. Parou de repente. Por entre as ossadas do touro, surgia o azul de uma pele luzidia...Tratava-se da tez de um homem, belo, que envolto pela carcaça do animal, jazia morto na areia, curvado sobre si próprio. Em nada se assemelhava ao passado que Júlia tinha em mente e no entanto não parecia surpreendida. Debruçou-se sobre ele. Com uma das suas mãos agarrou-lhe as suas. Com a outra escreveu algo na areia que o mar se precipitou para apagar. Ao longe, ouviu cantar os seres azuis por cima da espuma. Júlia caminhou em direcção a eles. Tinha água pelos ombros, mas parecia não os conseguir alcançar. Avançou mais e mais e mais e mais e mais...

FIM